

## Estudo do “r” retroflexo no falar dos Uberlandenses

Cristina Karen da Silva<sup>1</sup>

Marlúcia Maria Alves<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este estudo contemplou saberes sobre o modo de falar da população do município de Uberlândia com foco na produção do “r” retroflexo, que possui como modo de articulação a produção que geralmente se dá com o levantamento e encurvamento da ponta da língua em direção do palato duro (SILVA, 2003, p. 34). A partir das informações adquiridas durante a análise de pesquisas já realizadas, foram apresentadas ideias para promover a reflexão da ocorrência do preconceito linguístico pelos próprios falantes uberlandenses, de tal modo que, na sala de aula, os falantes nativos tenham acesso a essas informações e compreendam que não se trata de falar errado, mas sim, de uma variação linguística.

**Palavras-chave:** “r” retroflexo. Falantes Uberlandenses. Variação linguística

### 1. INTRODUÇÃO

A Escolha em trabalhar com esse tema se refere a questão de acreditar que é possível quebrar preconceitos linguísticos dentro da sala de aula, utilizando as explicações por meio de fenômenos fonológicos e assim mostrar que não se trata de “falar errado” ou “falar certo”, mas sim, de formas diferentes de falar. Esse trabalho é uma contribuição para o ensino, visto que o aluno enquanto falante da língua materna em questão, entenderá dentro da sala de aula que o colega não está errando a pronúncia, mas sim, oralizando a palavra de forma diferente.

A presente pesquisa aborda questões voltadas para o uso do “r” retroflexo, conhecido como r-caipira, utilizado por falantes Uberlandenses e tal uso demonstra característica marcante desses falantes, de forma que são conhecidos por caipiras devido o dialeto tido como de cidades do interior. É válido ressaltar que esse é um fator importante quando se trata de preconceito linguístico na cidade. Veremos se há algum motivo específico para o uso do “r” retroflexo e de forma sucinta o preconceito linguístico diante do dialeto dos Uberlandenses. Tomo como objetivo demonstrar nesse artigo a importância em respeitar e não julgar a outrem,

---

<sup>1</sup> Licencianda em Letras Português pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG – 2008.

principalmente pela fala, visto que ser diferente, falar diferente, agir diferente promove novos conhecimentos.

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, embora apresente outras citações durante o artigo, tenho como base as seguintes pesquisas realizadas: O /r/ em posição de coda silábica na cidade de Uberlândia (SILVA, 2016)<sup>3</sup>; As Consoantes Róticas no Português Brasileiro com notas sobre as Róticas das Variedades de Goiânia, Goiatuba e Uberlândia (Lima, 2013)<sup>4</sup>; a fim de analisá-las e demonstrar as interferências do “r” retroflexo na fala dos Uberlandenses, de forma que essas ocorrências sejam vistas positivamente pelos olhares de futuros leitores desse artigo. Ao se tratar de assuntos referentes à variação linguística, dentre os principais linguistas, posso citar Labov (1972)<sup>5</sup> e Meillet (1921)<sup>6</sup>.

William Labov acredita que não há falantes que se expressam do mesmo modo, nem mesmo se estiverem em situações diferentes de comunicação. Segundo ele:

Uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todos as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (2008 [1972], p. 188). Ainda de acordo com o autor, “os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real” (LABOV, 2008 [1972], p. 225).

Antoine Meillet defende que a modificação da língua se dá exatamente devido à motivação de fatores sociais. Segundo ele: Por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social (MEILLET, 1921 apud CALVET, 2002, p. 16).

A organização desse artigo se dá primeiramente com a apresentação de informações referentes ao português brasileiro, em seguida o município de Uberlândia, informações sobre o /r/ retroflexo, os róticos retroflexos, a variação linguística, o preconceito linguístico, com possíveis maneiras de dirimir essas ocorrências por meio de atividades didáticas, com base em resultados de pesquisas já realizadas. Nas Considerações Finais, apresentamos as principais conclusões sobre a variação do /R/ no falar uberlandense, retomando os objetivos propostos e as hipóteses levantadas.

---

<sup>3</sup> Dissertação apresentada em 2016 ao Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia por Guilherme Antônio Silva.

<sup>4</sup> Dissertação apresentada em 2013 ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília por Márcia Maria de Oliveira Lima.

<sup>5</sup> William Labov, linguista estadunidense, amplamente considerado o fundador da sociolinguística variacionista.

<sup>6</sup> Antoine Meillet foi um linguista francês. Um dos principais nomes da linguística do século XX.

## 2. O PORTUGUES BRASILEIRO

A linguagem é marca distintiva entre o homem e todos os outros seres vivos. Para o homem moderno os valores são produzidos por relações dadas em cada momento da história, ou seja, não possui valor absoluto. A partir do momento em que o homem aprendeu novos códigos simbólicos por meio do convívio cultural, ele descobriu que a “realidade” do seu mundo não é uma oferenda da natureza, mas sim, uma imagem construída pelas palavras. Nos dias atuais a internet está em alta e por isso é necessário selecionar, organizar, interpretar e entender, a fim de reconquistar o equilíbrio.

O fenômeno linguístico assumiu nos últimos duzentos anos o predomínio em pelo menos três enfoques: a) evolutivo, que domina o panorama do século XIX; b) estrutural, que compreende as reflexões e análises desenvolvidas sob a influência de Ferdinand de Saussure e Noam Chomsky; e c) enunciativo, que tem na Sociolinguística e nas análises da conversação e do discurso suas expressões de maior realce. A partir desse longo período é que se foram diluindo as certezas fundadas em mitos e dogmas, devido à comprovação de que a variação e a mudança são inerentes à vida das línguas, de que os usos orais, tanto quanto os escritos, se organizam segundo regras da gramática e estratégias interativas e que não há línguas inferiores e línguas superiores.

Os negros africanos foram separados assim que chegaram no Brasil, a fim de quebrar com os possíveis atos de rebeldia e garantir que as chances de sobrevivência da língua africana fossem poucas. Na primeira metade do século XX, Monteiro Lobato seguiu com a teoria de que tudo se transforma inevitavelmente em outra coisa graças a ação do tempo e a passagem dos séculos. Por um longo tempo o português do Brasil era visto pelo ponto de vista conservador, em que a escrita é encarada como uma espécie de formato em que, se petrifica o uso da língua para fins solenes em espaços prestigiosos e a fala seria uma atividade trivial, que era fragmentada e desprovida de regras de gramática, e só por meio da elaboração escrita uma língua poderia atingir sua forma perfeita e verdadeira.

No Brasil, não houve um período de trovadorismo, as línguas que estavam em uma posição secundária como o Latim, por exemplo, foram aos poucos abandonadas devido à língua do colonizador português, que era falada pela população em geral. O Brasil teve uma renovação, dada, principalmente, por José de Alencar que em sua literatura de ficção retratou a paisagem, os costumes e os tipos de brasileiros, aquela famosa literatura que apresenta o Brasil ao brasileiro. Joaquim Mattoso Câmara Junior também se destacou na sua pesquisa de rima na poesia brasileira.

À medida que as pesquisas baseadas na realidade linguística brasileira se expandem, ressurgem o debate sobre a identidade linguística nacional e também as relações entre língua, sociedade e cultura. Pode-se citar como característica do português brasileiro: o uso de “ele” e respectivas variações como complemento direto do verbo; a dupla negação; o uso de “lhe” como objeto direto, entre outros. Segundo a pesquisa de Maria Eugênia Lamoglia Duarte<sup>7</sup> o português do Brasil, mesmo em sua variedade culta, está dando ampla preferência ao resgate do sujeito, ao contrário do que se passa em Portugal. Temos o autor Fernando Tarallo que expõe peculiaridades sintáticas do português brasileiro em sua tese de doutorado relacionada à relativização.

### 3. O MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA

O município de Uberlândia foi fundado no século XIX, o ano era 1888. Isso me faz pensar nos netos desses primeiros moradores, que atualmente ainda podem estar fazendo parte dos cidadãos da região e de certo modo passando seu dialeto geração após geração e tendo o privilégio de participar das variações linguísticas históricas regionais, que muitas vezes não ocorrem de forma ativa, apenas se o falante tiver contato com os meios de comunicação que são veículos dessas variações ou falantes que promovem palavras diferentes para expressar durante algum diálogo.

É válido comentar sobre a posição geográfica da cidade de Uberlândia que está situada de forma estratégica, algo muito importante e interessante para a economia da cidade, porém ao se tratar dos falantes, sabe-se que ocorre grande interferência daqueles que saem da sua cidade natal para trabalhar em Uberlândia ou estudar na universidade, visto que a cidade possui grandes oportunidades de emprego, escolas públicas e particulares, bem como universidade pública e faculdades particulares. Soares (1988)<sup>8</sup> afirma que o jardim Umuarama, popularmente conhecido como bairro Umuarama foi o primeiro conjunto habitacional voltado para a classe média da cidade e que:

Este foi construído justamente na época de federalização da Universidade, período em que vários professores vieram de outros lugares do país e foram morar no bairro, que possuía 80 casas naquela oportunidade. Tendo em vista essa demanda, o valor da terra e das moradias elevou-se muito e sempre alcançando ótimos preços no mercado (SOARES, 1988, p.154).

---

<sup>7</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP -1995.

<sup>8</sup> Beatriz Ribeiro Soares é doutora em Geografia Humana na Universidade de São Paulo.

Com base na citação podemos inferir que a população tem crescido gradativamente, seja de forma interna com a taxa de natalidade, seja de forma externa com a vinda de pessoas pertencentes a outras regiões, porque existem grandes oportunidades de emprego e recursos para a saúde, garantindo o fluxo de pessoas de diversos lugares do mundo. Dessa forma, a presença de variações linguísticas como as diastráticas, diatópicas, diafásicas, situacionais e sociais ficam cada vez maiores no município de Uberlândia, visto que a cidade possui Centro de Ciências Biomédicas da UFU, o Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia (HC-UFU) e o Hospital do Câncer. Além da presença de antenas das emissoras de televisão e rádio da cidade, (TV Integração afiliada da Rede Globo, TV Paranaíba afiliada da Rede Record e TV Universitária afiliada da Rede Minas que pertence à Universidade Federal de Uberlândia).

#### 4. O /R/ RETROFLEXO

A variante retroflexa do /r/ conhecida como r-caipira, na maioria das vezes, acontece em São Paulo (especialmente no interior), no Sul do Brasil (no Paraná, no sul de Minas Gerais, no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, em Rondônia e em Goiás, posso mencionar o conceito de produção do /r/ retroflexo segundo Amadeu Amaral (1920).

Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. (AMARAL, 2019 [1920], p. 12).

A pesquisa realizada por Silva (2016) nos apresenta informações referentes ao som do /r/, como, por exemplo, o fato dele estar presente em aproximadamente 75% das línguas do mundo, e 18% delas apresentarem contrastes com dois ou três segmentos. Com base nessa afirmação, podemos considerar que a ocorrência do /R/ retroflexo pode ser presenciada em diversas situações e lugares, mesmo considerando os outros sons de /R/, visto que nos apresenta um mapa do Brasil para visualizarmos algumas áreas em que ocorrem /R/ retroflexo.

Para o desenvolvimento da pesquisa, Silva utilizou um recorte da ocorrência do /R/ em contextos determinados considerando os seguintes dados:

- i) <porta> e <pardo>, em que o /R/ vem seguido de um segmento [coronal] e [-contínuo] na coda medial;
- ii) <parceiro> e <orgia>, em que o segmento antecede uma consoante [coronal] [+contínuo], também na coda medial;
- iii) <amor> e <falar>, nos quais o /R/ é realizado na coda final. (SILVA, 2016 p. 16)

Silva (2016) verificou que a presença do som do /R/ retroflexo é predominante na cidade de Uberlândia e a partir das variáveis selecionadas pelo programa estatístico, os fatores favorecedores da variante retroflexa são:

Sexo masculino (peso 0,625); faixa etária de 26 a 49 anos (peso 0,624); no contexto seguinte, segmentos coronais (peso 0,624); no contexto precedente, segmentos labiais (peso 0,633); sílabas átonas (peso 0,629); substantivos e outros (pesos relativos de 0,968 e 0,803, respectivamente); e palavras com uma sílaba (peso 0,602). Em relação ao apagamento, favoreceram: sexo feminino (peso 0,649); faixa etária com mais de 49 anos (peso 0,679); no contexto seguinte, segmentos dorsais (peso 0,811); e verbos (peso 0,883). (SILVA, 2016 p. 107).

O autor apresenta ainda hipóteses para a ocorrência da variação do /R/, a fim de verificar o apagamento e o /R/ retroflexo. Como o foco de nosso artigo é o /R/ retroflexo, os comentários estarão voltados para esse segmento. Conforme Silva (2016), a primeira hipótese pode ser vista como dependente da natureza do segmento que antecede e que sucede o rótico. Segundo, é que ela pode ser dependente da proeminência acentual da sílaba em que ocorre, seja ela tônica ou átona. Terceiro, a manutenção do /R/ pode ser favorecido pelo item lexical. A quarta hipótese foi invalidada porque não houve a realização dos segmentos de acordo com pontos de articulação, seria o ponto de articulação da vogal precedente que poderia favorecer a realização do /R/ em retroflexo e/ou outras. A quinta hipótese é de que quanto maior a palavra maior seria a quantidade de apagamento foi constatada nos dados, palavras com apenas uma sílaba condicionaram a variante retroflexa. A sexta hipótese é que a faixa etária pode condicionar a utilização da variante retroflexa, foi visto também que os homens utilizam mais a variante retroflexa do que as mulheres.

A pesquisa realizada por Lima (2013) é dividida em duas partes, a primeira em relação a natureza bibliográfica e a segunda em relação a uma pesquisa de campo por meio de gravações de áudio e transcrição fonética, com base em comparações das ocorrências retroflexas para verificar a realização de róticos nas cidades de Goiânia/GO, Goiatuba/GO e Uberlândia/MG.

No que se refere ao estudo das variantes fonéticas do som de “r”, estas se encontram referidas em um grupo comum denominado róticos. O termo róticos é utilizado sem razão fonética, já que os sons de “r” se comportam de maneira diferenciada por serem produzidos com pontos e modos de articulação diversos. Essa terminologia se justifica

em função do grafema R ser representativo de toda a variação oral de sons do “r”. (DUTRA; PINTO, 2014, p. 03).

Na posição de coda silábica no português brasileiro, podem ocorrer as seguintes manifestações fonéticas de róticos: a vibrante é classificada dentre as consoantes líquidas e róticas, podendo ser surda ou sonora dependendo do contexto em que aparecer; tepe simples diferencia-se das vibrantes pela quantidade de batidas entre os articuladores; as fricativas são realizadas a partir da aproximação dos articuladores, gerando uma constrição que produz um som audível; aproximante não há contato entre os articuladores, apenas uma aproximação entre eles; retroflexa aquela em que a língua se curva para trás tocando o palato. (LIMA, 2013. p. 41-44).

A autora tem como foco a cidade de Uberlândia, e leva em consideração a faixa etária de 25 a 60 anos, a escolaridade que no mínimo era necessário ter cursado ensino médio, ter nascido e morado por longo tempo de vida na cidade em questão. Lima (2013) realizou as gravações com a mesma quantidade de homens e mulheres, em Uberlândia três homens e três mulheres.

De todas as palavras utilizadas para a pesquisa cento e dez continham rótico. Durante o estudo, a pesquisadora utilizou o computador para mostrar as palavras escritas aos pesquisados, foram apresentadas frases para que fosse realizada a leitura com as palavras em questão completando essas frases e o uso de imagens equivalentes a versão das palavras utilizadas. No fim de cada gravação realizada pela pesquisadora foram feitas as transcrições fonéticas.

A partir das análises foram identificadas a predominância da aproximante retroflexa na cidade de Uberlândia, por meio de uma frase contendo duas ou três ocorrências de grupos consonânticos, as frases foram feitas com os grupos fr, vr, br e pr. A observação se deu a partir da ocorrência desse fenômeno apenas nos grupos br e pr quando seguidos das vogais “a” e “e”. É válido ressaltar, com base na pesquisa realizada por Lima (2013), que no município de Uberlândia houve maior porcentagem de ocorrência de aproximante retroflexa com 74,42%; Goiânia, 73,3%; e Goiatuba, 62,62%.

## **5. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Variação linguística é o movimento natural de uma língua, que modifica devido os fatores históricos e culturais, por esse motivo ela é vista de acordo com o contexto histórico e

sociocultural no qual o falante estiver inserido. Em outras palavras, são as diferenças no ato de falar pelos falantes de uma mesma língua.

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em ‘Língua Portuguesa’ está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...] (BRASIL, 1998a, p. 29)

A variação linguística consiste nos diferentes modos em que é possível se expressar em uma língua, ela não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes. A variação linguística surge e apresenta diferentes características, sejam elas históricas, sociais, culturais e geográficas. Podemos citar alguns tipos de variação linguística, como variação diatópica ou geográfica, variação diastrática ou social e variação diafásica ou estilística.

- Variação diatópica: são as diferenças linguísticas entre falantes que são oriundos de regiões diferentes do mesmo país ou de países diferentes.
- Variação diastrática: relaciona-se a fatores socioeconômicos e culturais, ou seja, classe social, sexo, idade, grau de escolaridade, profissão.
- Variação diafásica: manifesta-se nas diferentes situações comunicativas; a maneira de se comunicar em um grupo de amigos é diferente de uma situação formal por exemplo.

A variação linguística consegue explicar diversos aspectos de maneiras diferentes, utilizando palavras diferentes, mantendo sentidos comuns. É interessante que em todo o Brasil temos essa oportunidade, segundo o linguista Marcos Bagno (2001).

Se emprendermos uma grande viagem pelo Brasil, de Norte a Sul e de Leste a Oeste, recolhendo os modos de falar das pessoas de todas as regiões, de todos os estados, das principais cidades, da zona rural etc., vamos perceber que existem diferenças nesses modos falar (...). Há muita semelhança, também, mas são as diferenças que chamam mais a atenção e que permitem classificar esses variados modos de falar. Quando você consegue identificar os traços característicos de um determinado modo de falar a língua, você pode chamá-lo de variedade (grifo do autor). Se você, em vez de sair viajando pelo país, decidir estudar os modos de falar das pessoas de um mesmo lugar – uma grande cidade, por exemplo –, vai notar também que a variedade falada nesse lugar apresenta diferenças que correspondem às diferenças que existem entre pessoas: grau de escolaridade, situação socioeconômica, faixa etária, origem geográfica, etnia, sexo etc. (BAGNO, 2001, p. 41).

## 5.1 PRECONCEITO LINGUÍSTICO

No início de nossas vidas, por meio do input<sup>9</sup> linguístico, termo constituído pelo que se exterioriza do conhecimento linguístico dos falantes adultos para que se chegue à criança, aprendemos diversas novas palavras e isso ocorre principalmente pelos nossos familiares, que são os mais próximos para liberar o input. A partir desse pressuposto é possível constatar informações referentes à adesão do “r” retroflexo no falar, por exemplo, o cidadão de Uberlândia faz uso desse “r” em várias pronúncias, a criança ao ouvir diversas vezes toma para si e também fala da mesma forma por boa parte da sua vida até que conscientemente verifica que esse é o dialeto visto como caipira, sendo isso um gatilho para a discriminação desse falar, que ocorre a partir do momento que esse ser humano se controla para não usar o “r” retroflexo, devido a julgamentos negativos.

Podemos citar a autora Rennieke (2010) que afirma o seguinte em relação ao preconceito linguístico no Brasil:

[...] fora, o mineiro estereotipado é sempre um caipira, mas dentro do Estado, existe uma forte distinção entre capital e interior, sendo esta distinção tanto socioeconômica quanto linguística. A questão do /r/ retroflexo como diferenciador dos falares de Minas Gerais surgiu nas respostas da maioria dos informantes. Eles associam valores positivos ao próprio dialeto e pronúncia, ligados a identidade e raízes, mas, por outro lado, admitem o prestígio do dialeto belo-horizontino (RENNICKE, 2010, p. 99).

A discriminação ocorre socialmente em âmbitos diferentes como o racial, social, orientação sexual e também o linguístico que é o mais importante nessa pesquisa, conhecido como preconceito linguístico. Trata-se de pessoas que demonstram julgamento negativo nas diferentes formas de falar de um mesmo povo e isso pode ocorrer devido a critérios sociais. Por exemplo, se a pessoa tiver um grande poder monetário, não quer ser vista como caipira pelo seu modo de falar, caracterizando assim uma forma de ser preconceituosa, podendo acontecer inconscientemente. A pessoa famosa fala com o uso do “r” retroflexo e isso não causa estranhamento, mas se o vizinho que não possui fama falar da mesma forma que o famoso, ele pode ser visto como caipira. Conforme afirma Gnerre (1985, p. 4), “uma variedade linguística vale o que valem na sociedade seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”. Dessa forma a condenação é extralinguística<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> “Input” designa o que a criança ouve ao seu redor, ou seja, as sentenças da língua que está adquirindo.

<sup>10</sup> Exterior a língua, disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/extralinguisticos>.

Linguisticamente, a variante retroflexa é favorecida quando precedida de vogal [-alta], seguida de consoante [+ coronal], em palavras menos gramaticais em sílabas tônicas e em final de palavra. Socialmente, a pronúncia retroflexa é favorecida por falantes e classes sociais mais baixas, residentes de regiões mais periféricas, com menor mobilidade geográfica, menos escolarizados, do sexo masculino e pertencentes a famílias de migrantes do Norte e do Nordeste do país (OUSHIRO, 2015, p. 121)

Como forma de dirimir esse preconceito a partir da sala de aula podemos discutir e mostrar aos alunos a variação linguística de produção, mas de forma que não seja com olhar avaliativo, somente para ajudar na percepção das regras utilizadas nas diferentes comunidades de fala, que alguns aspectos variáveis da fala são transferidos para a escrita. Quanto maior for a compreensão, maior será a tolerância em relação às diferenças, visto que os alunos terão consciência de que é inevitável a produção de sentenças que não estão de acordo com as regras gramaticais presentes nas gramáticas normativas.

Pode-se trabalhar com situações que questionem, ou melhor, problematizem o ensino da língua portuguesa em sala de aula, com o uso do ensino interativo, produtivo e engajado. Assim, é possível que o aluno compreenda o funcionamento das variedades linguísticas. O professor tem a grande responsabilidade de apresentar aos alunos as outras opções de comunicação além da norma culta que, normalmente, é a única utilizada em sala de aula nas últimas décadas e não os deixar esquecer de estarem sempre antenados<sup>11</sup> com as modificações e novidades que a língua pode oferecer.

O documento Parâmetros Curriculares Nacionais postula que a escola deve oferecer condições para que o aluno desenvolva seus conhecimentos, sabendo: a) ler e escrever conforme seus propósitos e demandas sociais; b) expressar-se adequadamente em situações de interação oral diferentes daquelas próprias de seu universo imediato; c) refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade linguística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua (BRASIL, 1998b, p. 59)

A Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a Base soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. (BRASIL, 2017, p. 5)

---

<sup>11</sup> Atentos, bem informados, disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/antenido>.

Com base nesse pressuposto podemos apresentar aos alunos atividades que demonstrem as diferenças de dialetos, pode-se fazer uso de charges e tirinhas. Por exemplo, podemos levar para a sala de aula as tirinhas do Chico Bento<sup>12</sup> e do Cebolinha<sup>13</sup>, uma vez que são tirinhas mais populares. No entanto, devemos nos atentar para evitar que a representação desses personagens seja vista como pejorativa. Os personagens podem contribuir para estabelecer uma discussão sobre variedades linguísticas regionais distintas e sobre problemas na fala. No caso do Cebolinha, a troca do ‘r’ pelo ‘l’.

Com atividades nesse teor, desconsiderando valores de notas, os alunos poderão compreender que existem maneiras diferentes de pronunciar e que não devem julgar o outro por alguma dificuldade na fala. Isto está em conformidade com a habilidade da (BNCC) Base Nacional Comum Curricular: EF69LP55 - Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico (BRASIL, 2018).

Outra questão importante para trabalhar seria a criação de fóruns utilizando ferramentas como formulários do google, a fim de utilizar o meio digital para compartilhar com os alunos perguntas referentes ao uso do /R/ retroflexo por seus familiares e conhecidos, deixando-os intrigados e curiosos em prestar atenção no dialeto das pessoas para responder fóruns semanais ou mensais criados pelo(a) professor(a). A cada fórum criado, o foco muda para o dialeto de outra região, podendo ou não ser do mesmo estado.

É importante os professores ficarem atentos e sempre refletirem sobre as dificuldades enfrentadas, não só isso, mas também ter clareza no ensino da língua portuguesa buscando sempre alcançar seus objetivos em sala de aula. O ensino deve ser interativo, produtivo e engajado, e não aquele ensino tradicional, prescritivo e alienado. O que ajuda muito os novos professores são as modificações dos projetos políticos pedagógicos, conhecidos como PPP e também as mudanças nos cursos de Letras. Aos poucos, as ideias estão saindo do papel e sendo praticadas nas escolas, fazendo com que a língua ensinada na sala de aula esteja cada vez mais perto do que é proposto pela (BNCC) Base Nacional Comum Curricular.

---

<sup>12</sup> Chico Bento é o personagem principal da Turma do Chico Bento, criada pelo cartunista brasileiro Maurício de Sousa.

<sup>13</sup> Cebolinha é um personagem de histórias em quadrinhos e tirinhas, criado em 1960 por Mauricio de Sousa.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo referente ao uso do “r” retroflexo no falar do povo Uberlandense, estudo baseado em pesquisas já realizadas, a fim de demonstrar o dialeto dessas pessoas e dirimir o preconceito linguístico daqueles que realizarem a leitura deste, de certa forma a busca pelo espaço na sala de aula, alcançando os alunos com atividades reflexivas a respeito dos diferentes dialetos.

Com base em toda a análise tivemos a oportunidade de constatar a existência de uma enorme presença do /R/ retroflexo no falar do povo Uberlandense e que essa maneira de falar, com o levantamento e encurvamento da ponta da língua em direção ao palato duro, ocorre com diversas pessoas independentemente da classe social ou poder monetário.

Conseguimos demonstrar que o preconceito linguístico ocorre também de forma velada, mas que é possível dirimir esses atos, a partir da sala de aula com o uso de atividades voltadas para os estudos sociolinguísticos, de forma que um adolescente consiga compreender a importância de saber lidar com a diferença linguística em relação ao outro.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. Iba Mendes Editor Digital. Livro Digital n. 306. 2. ed. 2020. 2019 [1920]. Disponível em: <<http://ibamendes.org/O%20Dialeto%20Caipira%20-%20Amadeu%20Amaral%20-%20IBA%20MENDES.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2021.

ANTONIO SILVA, Guilherme. **O /r/ em posição de coda silábica na cidade de Uberlândia**. Repositório Institucional Universidade Federal de Uberlândia, 2003. Disponível em <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/17729>> Acesso em 03 nov. 2021.

AZEREDO, J. C. A. **Fundamentos de gramática do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?: um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola editorial, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiros e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998a.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CALVET, L. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. de Marcos Marcionílio. São Paulo: Parábola, 2002.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010, p. 45-109.

DUTRA, Ester Nunes da Silva; PINTO, Marinazia Cordeiro. O apagamento dos róticos em coda silábica na escrita dos alunos do ensino fundamental. **VI Simpósio Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos do Curso de Versão do CIFEFIL**. 2 a 4 de abril de 2014.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. Tese doutorado. Universidade de São Paulo, Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, departamento de linguística. Programa de pós-graduação em semiótica e linguística geral. 2015.

Porto Editora – extralinguístico no **Dicionário infopédia da Língua Portuguesa** [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2022-03-05 11:59:16]. Disponível em <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/extralinguisticos>>. Acesso em 12 dez. 2021.

RENNICKE, I. **As atitudes linguísticas perante o /r/ retroflexo em Belo Horizonte, Minas Gerais**. 2010. 116 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Departamento de Línguas Modernas, Universidade de Helsinque, Finlândia, 2010.

SOARES, B. R. **Habitação e produção do espaço em Uberlândia**. 1988. 237f. Dissertação (mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1988.